

## MINAS GERAIS A “SÍNTESE DO BRASIL”? ESPERE UM POUCO...

Por *Rui Tavares Maluf* \*

No presente artigo apresento dados que desautorizam o entendimento que se faz a respeito da importância político eleitoral do estado de *Minas Gerais* nas eleições presidenciais do Brasil, ou melhor, ao menos denominando esta Unidade da Federação (UF) de “*síntese do Brasil*”, embora a condição de ser o segundo maior colégio eleitoral do País tem por isso só relevância. Faço isso porque nas várias análises realizadas sobre as eleições presidenciais brasileiras, tendo como referência as 27 UFs, o referido estado é tido como aquele que historicamente “*elege*” o presidente desde o período de 1946 a 1964, englobando o atual período iniciado com a eleição de 1989, à exceção da eleição do presidente Getúlio Vargas em 1950<sup>1</sup>.

Para quem não acompanha de perto esta questão, é importante destacar que a afirmação “*elege*” se deve ao fato de que os presidentes eleitos também foram os vencedores nas referidas Unidades da Federação (UFs) em todas as eleições registradas sem que nenhum outro conseguisse tal feito<sup>2</sup>. Por este critério isso é verdade, mas há certo exagero, pois se apenas o primeiro turno for levado em conta (e deveria ser para que pudesse ser comparado ao período anterior quando não havia o princípio do segundo turno) o jovem estado de *Tocantins* também “*elegeu*” todos os presidentes de 1989 a 2018 e só não o fez no segundo turno da eleição de 2018, quando “*deu a vitória*” para o candidato *Fernando Haddad* em lugar de *Jair Bolsonaro*<sup>3</sup> (*vide a tabela seguinte, especialmente a coluna da extrema direita*).

Talvez seja tão ou mais interessante do que destacar tal característica do estado de *Minas Gerais* mostrar que dez estados tiveram resultados no primeiro turno iguais aos finais em sete pleitos, isso só não ocorrendo no de 2018<sup>4</sup>. E não é pouca coisa ter resultados alinhados<sup>5</sup> em sete de oito eleições se for levado em conta tanto as características da política regional, quanto da fragilidade dos partidos políticos no Brasil (*vide a próxima tabela*).

---

<sup>1</sup> - Este artigo integra estudos que faço sobre as eleições presidenciais e congressuais do Brasil desde 1989 no âmbito das Unidades Federativas, alguns dos quais serão disponibilizados ao público.

<sup>2</sup> - Como se pode observar na primeira tabela apresentada, no período de 1989 a 2018 jamais houve uma eleição no primeiro turno em que os resultados de todas as Unidades da Federação (UFs) fossem exatamente iguais ao resultado final do Brasil.

<sup>3</sup> - Tocantins ainda era parte do estado de Goiás durante a vigência da Constituição de 1946, emancipando-se apenas quando da promulgação da Constituição de 1988.

<sup>4</sup> - Os dez estados, situados nas regiões *Norte*, *Nordeste* e *Sudeste* são pela ordem alfabética: *Amazonas*, *Bahia*, *Espírito Santo*, *Maranhão*, *Pará*, *Paraíba*, *Pernambuco*, *Piauí*, *Rio Grande do Norte* e *Sergipe*.

<sup>5</sup> - Tendo sido oito as eleições e sendo 27 as Unidades da Federação, se houvesse alinhamento total este seria de **216**. E tendo havido seis pleitos resolvidos no segundo turno, o alinhamento total possível seria de **162**.

TABELA 1									
Resultados do Primeiro Turno de Oito Eleições Presidenciais no Brasil, segundo os resultados nas Unidades da Federação e os Alinhados (1) e Desalinhados (0) em relação ao resultado oficial final do pleito no País (1989-2018)									
UF	1989	1994	1998	2002	2006	2010	2014	2018	SUBTOTAL
AC	1	1	1	1	0	0	0	1	5
AL	1	1	1	0	1	1	1	0	6
AM	1	1	1	1	1	1	1	0	7
AP	1	1	1	0	1	1	1	0	6
BA	1	1	1	1	1	1	1	0	7
CE	1	1	0	0	1	1	1	1	6
DF	0	0	1	1	0	0	0	1	3
ES	1	1	1	1	1	1	0	1	7
GO	1	1	1	1	0	1	0	1	6
MA	1	1	1	1	1	1	1	0	7
MG	1	1	1	1	1	1	1	1	8
MS	1	1	1	1	0	0	0	1	5
MT	1	1	1	1	0	0	0	1	5
PA	1	1	1	1	1	1	1	0	7
PB	1	1	1	1	1	1	1	0	7
PE	1	1	1	1	1	1	1	0	7
PI	1	1	1	1	1	1	1	0	7
PR	1	1	1	1	0	0	0	1	5
RJ	0	1	0	0	1	1	1	1	5
RN	1	1	1	1	1	1	1	0	7
RO	1	1	1	1	0	0	0	1	5
RR	1	1	1	1	0	1	0	1	6
RS	0	0	1	1	0	1	1	1	5
SC	0	1	1	1	0	0	0	1	4
SE	1	1	1	1	1	1	1	0	7
SP	1	1	1	1	0	0	0	1	5
TO	1	1	1	1	1	1	1	1	8
<b>ALINHADOS</b>	<b>23</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>23</b>	<b>16</b>	<b>19</b>	<b>16</b>	<b>16</b>	<b>163</b>
<b>ELEITOS</b>	<b>Collor</b>	<b>FHC</b>	<b>FHC</b>	<b>LULA</b>	<b>LULA</b>	<b>DILM</b>	<b>DILMA</b>	<b>BOLSONAR</b>	<b>O</b>

E se apenas o segundo turno for levado em conta, lembrando que o mesmo foi necessário em seis das oito eleições, há que se considerar que, além de *Minas Gerais*, três estados também “*elegeram*” o chefe de estado em todas as oportunidades, como se pode constatar na tabela a seguir<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> - Os outros três são: *Amazonas*, *Amapá* e *Sergipe*.

<b>TABELA 2</b>							
<b>Resultados do Segundo Turno de Seis Eleições Presidenciais no Brasil, segundo os resultados nas Unidades da Federação e os Alinhados (1) e Desalinhados (0) em relação ao resultado oficial final do pleito no País (1989, 2002-2018)</b>							
<b>UF</b>	<b>1989</b>	<b>2002</b>	<b>2006</b>	<b>2010</b>	<b>2014</b>	<b>2018</b>	<b>SUBTOTAL</b>
AC	1	1	1	0	0	1	4
AL	1	0	1	1	1	0	4
AM	1	1	1	1	1	1	6
AP	1	1	1	1	1	1	6
BA	1	1	1	1	1	0	5
CE	1	1	1	1	1	0	5
DF	0	1	1	1	0	1	4
ES	1	1	1	0	0	1	4
GO	1	1	1	0	0	1	4
MA	1	1	1	1	1	0	5
MG	1	1	1	1	1	1	6
MS	1	1	0	0	0	1	3
MT	1	1	0	1	0	1	4
PA	1	1	1	1	1	0	5
PB	1	1	1	1	1	0	5
PE	0	1	1	1	1	0	4
PI	1	1	1	1	1	0	5
PR	1	1	0	0	0	1	3
RJ	0	1	1	1	1	1	5
RN	1	1	1	1	1	0	5
RO	1	1	1	0	0	1	4
RR	1	1	1	0	0	1	4
RS	0	1	0	0	0	1	2
SC	1	1	0	1	0	1	4
SE	1	1	1	1	1	1	6
SP	1	1	0	1	0	1	4
TO	1	1	1	1	1	0	5
<b>ALINHADOS</b>	<b>23</b>	<b>26</b>	<b>21</b>	<b>19</b>	<b>15</b>	<b>17</b>	<b>121</b>
<b>ELEITOS</b>	<b>COLLOR</b>	<b>LULA</b>	<b>LULA</b>	<b>DILMA</b>	<b>DILMA</b>	<b>BOLSONARO</b>	

Outro fato que precisa ser considerado para relativizar a afirmação de que *Minas Gerais* “*elege*” o presidente é que a eleição para esta UF, como para quatro outros<sup>7</sup>, ocorre simultaneamente em todo o território nacional (considerando apenas a diferença de fuso horário no Brasil e nos países nos quais os consulados do Brasil estão aptos a receber os eleitores que vivem fora), iniciando e terminando ao mesmo tempo em qualquer Unidade da Federação (UFs), à exceção de quando existe um problema de força maior em alguma localidade que leve o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) a conceder alguma modificação do horário de votação. Faça tal afirmação porque a ideia de uma suposta causalidade na relação de que o que ocorrer em

<sup>7</sup> - Os outros quatro cargos são: senador, governador, deputado federal e estadual.

determinado lugar da federação resultará no resultado geral exigiria no mínimo a não coincidência na data das eleições na qual a votação em uma UF ocorresse antes das demais e ainda assim que seus votos pudessem ser conhecidos antecipadamente ao das demais UFs de maneira a influenciar os demais eleitores<sup>8</sup>.

Suponho que os analistas que fazem tal afirmação não estão sustentando a tese de que exista efetivamente relação de causa e efeito. Mas se não a estão, a outra afirmação segundo a qual *Minas Gerais* é a *síntese do Brasil* é ao menos muito problemática se for ancorada nos critérios sociais (migrações recebidas) e eleitorais. Procurarei demonstrar isso a seguir.

### ***População migrante***

Ao longo da história política do País, o termo *síntese do Brasil* enfatizou que todas as decisões políticas passam por *Minas Gerais* e em tempos mais recentes deu-se a “*prova*” de que sua relevância passaria pelos resultados eleitorais no estado. Mais recentemente ainda, uma explicação procurou associar tal importância à combinação do seu tamanho físico (4º maior do País), localização no território em área intermediária e o processo migratório observado, e, conseqüentemente a diversidade da população<sup>9</sup>. Sim, isso precisa mesmo ser considerado, mas não é menos relevante que os estados de *São Paulo* e do *Rio de Janeiro* contam sim com muito mais gente (em termos absolutos) proveniente de todos os quadrantes do país vivendo em suas fronteiras, especialmente nas regiões metropolitanas de suas capitais do que *Minas Gerais*, ainda que não contem com significativo tamanho físico.

Levando em conta os cinco estados mais populosos do *Brasil* (que também são os maiores colégios eleitorais) e somente a população em termos absolutos (vide figura 1 a seguir), é visível que a população do estado de *São Paulo* nascida em outras UFs ou no estrangeiro é de longe a maior do País sendo **1,79** vez maior que a soma da população nascida fora dos outros quatro estados mais populosos<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> - No período da vigência da Constituição de 1946, e antes do golpe de 1964, as eleições para presidente e governadores ocorriam em tempos diferentes.

<sup>9</sup> - É o que se encontra em reportagem do jornal *O Estado de São Paulo* (25 de junho de 2022), de autoria de Carlos Eduardo Cherem intitulada ‘*Síntese do País*’, *Minas reflete triunfo presidencial*, a qual ouviu três especialistas.

<sup>10</sup> - As tabelas de população que apresento foram por mim elaboradas a partir da tabela 1852 da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD), ano 2015, do IBGE, intitulada *População residente, por lugar de nascimento e unidade da federação de residência*. 2015 é o último ano no qual tal tipo de levantamento amostral foi realizado.

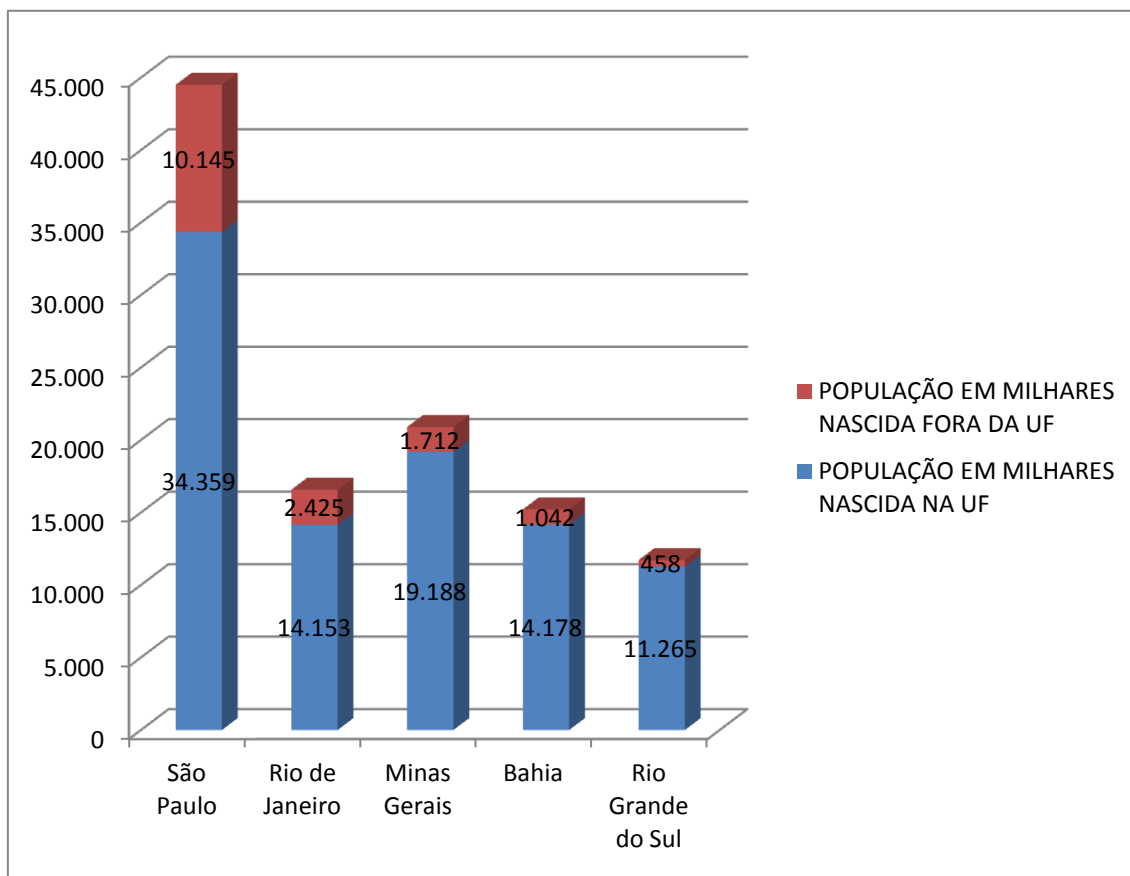


Figura 1 - População residente em cinco UFs em Milhares de Habitantes

Faço a ressalva que a figura acima pode induzir a interpretação enganosa, pois se o arrolamento da população nascida em outra UF não estiver incluída na população total da UF, os resultados serão um pouco diferentes apesar de *São Paulo* e *Rio de Janeiro* continuarem à frente. Assim sendo, concentrando a atenção apenas na população nascida fora da UF em que vive, o estado de *Goiás* aparece à frente do de *Minas Gerais*, em terceiro lugar, e do *Distrito Federal* em quinto. Ou seja, *Bahia* e *Rio Grande do Sul* deixam de estar nestas cinco primeiras posições, como se pode facilmente verificar na tabela seguinte.

<b>TABELA 3</b>	
<i>Cinco Unidades da Federação com maior população absoluta nascida fora da UF de residência (em milhares)</i>	
<b>UF</b>	<b>NASCIDA FORA DA UF</b>
São Paulo	10.145
Rio de Janeiro	2.425
Goiás	1.903
Minas Gerais	1.712
Distrito Federal	1.337

Tal realidade populacional proporcionará ainda nova interpretação se outro recorte for introduzido e neste caso provavelmente mais consistente. Desse modo, recorro a dados proporcionais, ou seja, o percentual de população residente em determinada Unidade da Federação (UF) que é nascida em outra ou no exterior. Os resultados serão radicalmente diferentes dos que se viu até o momento, embora encontrem explicação sólida. Todas as UFs que aparecem nas primeiras colocações são “*jovens*” e/ou bem centralizados geograficamente e/ou considerados as últimas fronteiras agrícolas do País. Assim, o estado de *Minas Gerais* se coloca apenas em **21º** lugar, isto é, entre os últimos com população nascida em outra UF. Admita o leitor que levando em conta este critério é difícil aceitar a afirmação que “*Minas é a síntese do Brasil*”.

Faz sentido verificar a primazia do *Distrito Federal*<sup>11</sup>, que é ao mesmo tempo uma realidade jurídica recente na história do *Brasil*, encontrando-se no *Planalto Central* e ainda mais para o interior do território, além de sua condição de capital federal torná-la um dos polos de atração de migrantes já a partir de sua construção no final da década de 1950.

<b>TABELA 3.1</b>	
<i>Percentual da População residente nas UFs que nasceu em outra</i> (Oito UFs selecionadas)	
<b>UF</b>	<b>% NASCIDA EM OUTRA*</b>
Distrito Federal	45,71
Roraima	44,40
Rondônia	42,64
Mato Grosso	38,33
Tocantins	30,55
São Paulo	22,79
Rio de Janeiro	14,63
Minas Gerais	8,19
* Incluindo nascida no exterior	

Ainda analisando este critério da população residente que nasce alhures e recorrendo a um maior detalhamento de informações, a população do *Distrito Federal (DF)* tem uma proporção menos desequilibrada que as outras UFs observadas. Isso é uma maneira de afirmar que há maior representatividade de migrantes de vários cantos do *País* (ou capilaridade) do que em *Minas Gerais (MG)*. Pois enquanto as três populações migrantes de maior expressão no *DF* somadas representam **40,84%** de toda população nascida fora, a de *MG* somada alcança **52,57%**. Ou seja, nesta última está mais concentrada. E é justamente nascida e proveniente de *MG* que está a maior população de fora vivendo no *DF*.

E mudando o ângulo de observação para aqueles que tendo nascidos em determinada UF vivem em outra, há que se registrar que dos nascidos em *MG*, nada menos que **18,09%** vivem em outras partes do *Brasil* (*vide a próxima tabela*). Em outras palavras, é um considerável número de pessoas vivendo fora do estado, especialmente quando comparado a *São Paulo* e *Rio de Janeiro*, que ficam bem abaixo.

<sup>11</sup> - E isso é ainda mais interessante analiticamente quando se considera que *Brasília* é apenas a **20ª** população e eleitorado do País dentre as **27** UFs.

<b>TABELA 3.2</b>	
<i>Percentual da População nascida na DF que vive em outra do Brasil</i> (Brasília – DF e os quatro estados mais populosos, em ordem decrescente)	
<b>DF</b>	<b>EM %</b>
Brasília	20,96
Bahia	20,55
Minas Gerais	18,09
São Paulo	7,66
Rio de Janeiro	6,50

Porém, mesmo diante de importantes dados e por mais significativos que estes sejam, entendo que não são suficientes para que se possa afirmar ou negar a importância de vários estados da federação para a vitória dos presidentes, especialmente dos que dispõem de médios para grandes eleitorados. E lembro ainda que o cargo de presidente da República é o único no sistema político nacional que pode colher votos em qualquer jurisdição do território nacional, o que inclui as representações diplomáticas do Brasil no exterior. O maior valor do que já apresentei e ainda tenho a mostrar é refutar a fácil afirmação de que “*Minas é síntese do País*”, ao menos com as explicações que são dadas.

É conveniente, ainda, questionar a que maneira os migrantes que chegaram para viver em diferentes momentos em determinado estado votariam, se é que votariam de uma forma estigmatizada sendo a eleição para presidente da República, que os fizessem eleitores diferentes dos ali nascidos. Toco nesse ponto porque uma das âncoras do título deste artigo seria a diversidade de Minas Gerais. Ora, se há diversidade, há pluralidade, e em havendo pluralidade seria menos provável um resultado eleitoral muito concentrado na figura do vencedor. Bem, talvez eu não possa responder à estas perguntas com os dados que arrolei a seguir, mas acredito que serão elementos robustos para o entendimento do assunto.

Retorno agora ao terreno propriamente eleitoral, isto é, dos resultados eleitorais voltando-me basicamente para o desempenho dos candidatos nos estados de *São Paulo (SP)*, *Minas Gerais (MG)*, e no *Brasil*, a partir dos percentuais de *votos válidos* e do *comparecimento eleitoral*. Inserir *SP* na comparação com *MG* é tanto pelo fato de ser o maior colégio eleitoral do *Brasil* e como já se pôde visualizar no gráfico e nas tabelas apresentadas por dispor de população nascida em outra Unidade da Federação ou mesmo no exterior muito maior do que *MG* ou de qualquer outro.

### ***O desempenho dos eleitos no estado de São Paulo***

Verifico o desempenho dos candidatos a presidente que foram eleitos nas oito eleições no *primeiro turno* no estado de *São Paulo*. Ao comparar os *votos válidos* no *Brasil* e *São Paulo*, as diferenças não são nada desprezíveis, o que já pode ser visto pelas *médias*. Em apenas três das oito disputas, os *votos válidos* dos candidatos eleitos no estado *Bandeirante* foram maiores do que no *Brasil*. A única quase igualdade (**0,33** ponto) se deu na primeira eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002 e a segunda em 1994 com a eleição de Fernando Henrique Cardoso (1,28 ponto), mas depois disso as diferenças saltaram para 6,08 pontos chegando até 15,77 pontos em 2014. Passando nossa atenção para os votos no *comparecimento*, as desigualdades são um pouco menores tanto ano a ano quanto nas *médias*, porém continuam sendo relevantes.

Outra observação sobre a comparação dos *votos válidos* entre o *Brasil* e o estado de *São Paulo* é que nenhum dos eleitos teve menos que **30%** no *Brasil*, mas sim em *São Paulo* nas eleições de *Fernando*

Collor de Mello em 1989 e na reeleição de *Dilma Rousseff* em 2014. Mas ao olhar para o percentual dos votos no *comparecimento eleitoral* o próprio Collor tem menos de 30% no Brasil, conquanto ninguém mais. E no estado de *São Paulo*, apenas ele e também *Dilma* quando de sua reeleição, obviamente com números ainda mais baixos.

E por último, a diferença entre os percentuais de *votos válidos* e do *comparecimento eleitoral* é um pouco maior no *Brasil* do que em *São Paulo (SP)*, seja observando pela média das oito eleições, quanto em cada uma à exceção na de 2018 quando a diferença de *SP* foi maior que a do *Brasil*. Isto quer dizer que o grau de engajamento no estado foi ligeiramente maior do que no *País*.

<b>TABELA 4</b>					
<b>BRASIL E SÃO PAULO</b>					
<i>Percentual de votos válidos e no comparecimento dos primeiros colocados nas oito eleições presidenciais em PRIMEIRO TURNO (1989-2018)</i>					
ELEIÇÃO	CANDIDATO	% VOTOS VÁLIDOS		% VOTOS NO COMPARECIMENTO	
		BRASIL	SÃO PAULO	BRASIL	SÃO PAULO
1989	Fernando Collor de Mello	30,48	24,40	28,51	23,42
1994	Fernando Henrique Cardoso	54,26	55,54	44,07	47,14
1998	Fernando Henrique Cardoso	53,06	59,89	43,14	50,01
2002	Luiz Inácio Lula da Silva	46,44	46,11	41,62	42,22
2006	Luiz Inácio Lula da Silva	48,61	36,77	44,52	34,04
2010	Dilma Vana Rousseff	46,91	37,31	42,85	34,54
2014	Dilma Vana Rousseff	41,59	25,82	37,58	23,03
2018	Jair Messias Bolsonaro	46,03	53,00	41,99	47,73
<b>MÉDIAS</b>		<b>45,92</b>	<b>42,36</b>	<b>40,54</b>	<b>37,77</b>

Orientando nossa atenção a seguir para o desempenho dos candidatos no estado de *Minas Gerais* e começando pelos *votos válidos*, é fácil constatar uma clara particularidade. Nas oito eleições os candidatos que obtiveram o primeiro lugar e foram eleitos presidentes se saíram bem melhor em *Minas* do que no *Brasil*, fazendo com que as médias também indiquem desigualdade um pouco maior que no caso de *São Paulo*. E mesmo com a superioridade em relação ao *Brasil* nas oito eleições, apenas em 1994 quando *Fernando Henrique* se elegeu presidente pela primeira vez a diferença foi realmente grande a favor de *Minas*. Em relação aos percentuais de *votos no comparecimento*, as diferenças são menores o que se reflete também nas médias.

Por último, mirando os *votos válidos* em *Minas*. Em nenhuma eleição os candidatos obtiveram resultados abaixo de **30%**. O desempenho mais baixo foi o de Collor em 1989 com **36,12%**. E agora voltando a atenção para o percentual de *votos no comparecimento*, sempre com números menores pelas razões já mencionadas, não se encontra nenhum abaixo do mencionado patamar.



<b>TABELA 4.1</b>					
<b>BRASIL E MINAS GERAIS</b>					
<i>Percentuais de votos válidos e do comparecimento dos candidatos eleitos presidente do Brasil no PRIMEIRO TURNO das eleições de 1989 a 2018</i>					
ANO	CANDIDATO	% VOTOS VÁLIDOS		% COMPARECIMENTO	
		BRASIL	MINAS	BRASIL	MINAS
1989	Fernando Collor de Mello	30,48	36,12	28,51	33,35
1994	Fernando Henrique Cardoso	54,26	64,48	44,07	51,34
1998	Fernando Henrique Cardoso	53,06	55,68	43,14	44,64
2002	Luiz Inácio Lula da Silva	46,44	53,01	41,62	47,46
2006	Luiz Inácio Lula da Silva	48,61	50,80	44,52	46,23
2010	Dilma Vana Rousseff	46,91	46,98	42,85	42,80
2014	Dilma Vana Rousseff	41,59	43,48	37,58	39,63
2018	Jair Messias Bolsonaro	46,03	48,31	41,99	43,46
<b>MÉDIAS</b>		<b>45,92</b>	<b>49,86</b>	<b>40,59</b>	<b>43,61</b>

E no segundo turno, o qual se realizou em seis eleições? Os resultados são muito distintos do primeiro turno?

Começando por *São Paulo (SP)* em relação ao *Brasil*. Nos votos válidos e nos votos no comparecimento o estado só fica à frente nas eleições de Collor de Mello (1989) e de Jair Bolsonaro (2018). Nas outras quatro as diferenças à menor para *SP* são grandes. As próprias médias também apontam isso. Estas desigualdades entre *Brasil* e *SP* são sempre bem superiores nos votos válidos do que nos votos no comparecimento.

<b>TABELA 4.2</b>					
<b>BRASIL E SÃO PAULO</b>					
<i>Percentual de votos válidos e no comparecimento dos primeiros colocados nas oito eleições presidenciais em SEGUNDO TURNO (1989, 2002-2018)</i>					
ELEIÇÃO	CANDIDATO	% VOTOS VÁLIDOS		% VOTOS NO COMPARECIMENTO	
		BRASIL	SÃO PAULO	BRASIL	SÃO PAULO
1989	Fernando Collor de Mello	53,66	57,90	51,22	54,17
2002	Luiz Inácio Lula da Silva	60,94	55,39	57,28	52,41
2006	Luiz Inácio Lula da Silva	60,83	47,74	57,15	45,55
2010	Dilma Vana Rousseff	56,05	45,95	52,30	42,72
2014	Dilma Vana Rousseff	51,64	35,69	48,37	33,39
2018	Jair Messias Bolsonaro	55,13	67,97	49,85	59,22
<b>MÉDIAS</b>		<b>56,38</b>	<b>51,77</b>	<b>52,70</b>	<b>47,91</b>

E com *Minas Gerais (MG)*, o segundo turno também reforça o que já foi observado no primeiro turno, isto é, em todas as eleições *MG* fica à frente do que se passou em *SP*. Isso é tão claramente observado nos votos válidos quanto no comparecimento. E as desigualdades entre os resultados do *Brasil* e de *MG* também são inferiores às verificadas entre *Brasil* e *SP*, tal como o tamanho das diferenças entre os votos no comparecimento entre *Brasil* e *MG* são bem inferiores às que ocorrem entre os válidos.

**TABELA 4.2.1**

**BRASIL E MINAS GERAIS**

*Percentuais de votos válidos e do comparecimento dos candidatos eleitos presidente do Brasil no SEGUNDO TURNO (eleições de 1989, 2002 a 2018)*

ANO	CANDIDATO	% VOTOS VÁLIDOS		% COMPARECIMENTO	
		BRASIL	MINAS	BRASIL	MINAS
1989	Fernando Collor de Mello	53,66	55,51	51,22	52,15
2002	Luiz Inácio Lula da Silva	60,94	66,45	57,28	62,56
2006	Luiz Inácio Lula da Silva	60,83	65,19	57,15	61,92
2010	Dilma Vana Rousseff	56,05	58,45	52,30	54,23
2014	Dilma Vana Rousseff	51,64	52,41	48,37	49,78
2018	Jair Messias Bolsonaro	55,13	58,19	49,85	50,55
<b>MÉDIAS</b>		<b>56,38</b>	<b>59,37</b>	<b>52,70</b>	<b>55,20</b>

O fato de os resultados de *votos válidos* e do *comparecimento* em *MG* serem mais expressivos que os do Brasil e os de *SP*, maximizando o desempenho dos candidatos, é o que induz a interpretação distorcida sobre a importância do primeiro. Para oferecer a possibilidade de interpretação mais robusta é que dou o próximo passo.

***Colocação nas UFs e participação destas na votação dos candidatos***

Pelos critérios que utilizarei agora, apresentarei a contribuição (ou seja, a participação percentual) de *São Paulo* e *Minas Gerais* e também de mais três Unidades da Federação (UFs) para que alcance um total de cinco UFs (20% aproximadamente das 27 UFs), as quais, com pequenas alterações, formam as principais para a votação total dos presidentes eleitos nas oito eleições presidenciais em primeiro turno e também nas seis em que ocorreu o segundo turno (*e remeto aos anexos as contribuições dos que ficaram até a quinta colocação no resultado nacional*).

Os dados que estão organizados na tabela a seguir são inequívocos em relação ao peso que cada um dos dois maiores colégios eleitorais (*São Paulo* e *Minas Gerais*) tem no total do *Brasil*, bem como com a soma de suas participações. Ambos os eleitorados apresentaram ligeira queda na participação relativa do *Brasil* ao longo das eleições, mas de pouca significância. Porém, o que importa mesmo é apontar a diferença entre o maior colégio eleitoral (*São Paulo*) e o segundo maior (*Minas Gerais*).

<b>TABELA 4.3</b>				
<b>MINAS GERAIS E SÃO PAULO</b>				
<i>Participação percentual dos eleitorados de Minas Gerais e de São Paulo no total do Brasil, diferença em pontos percentuais dos dois colégios eleitorais, e soma do percentual de ambos no total do País</i>				
<b>ANO</b>	<b>SP</b>	<b>MG</b>	<b>DIFERENÇA</b>	<b>SOMA</b>
<b>1989</b>	22,54	11,49	<b>11,05</b>	<b>34,03</b>
<b>1994</b>	21,92	11,14	<b>10,78</b>	<b>33,06</b>
<b>1998</b>	21,98	11,14	<b>10,84</b>	<b>33,12</b>
<b>2002</b>	22,26	11,00	<b>11,26</b>	<b>33,26</b>
<b>2006</b>	22,27	10,86	<b>11,41</b>	<b>33,13</b>
<b>2010</b>	22,30	10,69	<b>11,61</b>	<b>32,99</b>
<b>2014</b>	22,39	10,67	<b>11,72</b>	<b>33,06</b>
<b>2018</b>	22,43	10,66	<b>11,77</b>	<b>33,09</b>

Outra maneira de mostrar a grandeza e diferença destas mesmas é com a tabela seguinte, que traz quatro colunas com os quantitativos e uma com percentual da diferença dos dois eleitorados frente à soma destes. Ora, a diferença em números absolutos já assusta. Para se compreender melhor, no ano de 1989 esta diferença era superior à dos eleitorados somados do terceiro maior eleitorado do País, o estado do *Rio de Janeiro*, com o do vigésimo, o *Distrito Federal*. E na eleição mais recente (2018), a diferença era praticamente igual à soma dos eleitorados do *Rio de Janeiro*, *Maranhão* (décimo primeiro do Brasil) e do último *Roraima*. Ou seja, esta diferença aumentou não só em termos absolutos, mas, sobretudo, percentuais e de forma ininterrupta.

<b>TABELA 5</b>					
<b>SÃO PAULO E MINAS GERAIS</b>					
<i>Eleitorado dos estados de São Paulo e Minas Gerais nas oito eleições presidenciais do Brasil (1989-2018), soma dos eleitorados dos dois estados, diferença entre seus eleitorados e percentual da diferença</i>					
<b>ELEIÇÃO</b>	<b>SÃO PAULO</b>	<b>MINAS GERAIS</b>	<b>SOMA SP + MG</b>	<b>DIFERENÇA</b>	<b>% DIFERENÇA NA SOMA</b>
1989	18.500.980	9.433.103	27.934.083	9.067.877	32,46
1994	20.774.991	10.559.739	31.334.470	10.215.252	32,60
1998	23.321.034	11.815.183	35.236.217	11.505.851	32,75
2002	25.655.553	12.680.584	38.336.137	12.974.969	33,85
2006	28.037.734	13.679.738	41.717.472	14.357.966	34,42
2010	30.289.723	14.513.934	44.803.657	15.775.789	35,21
2014	31.979.717	15.236.578	47.216.295	16.743.138	35,46
2018	33.042.545	15.698.955	48.741.500	17.343.590	35,58

### **Contribuição das UFs para o próprio desempenho**

Meu próximo passo é verificar a contribuição dada por cada Unidade da Federação (UF) para a votação total do candidato, ou seja, a participação percentual dos votos amealhados na UF em sua votação total cotejando à posição que teve na jurisdição. É com este critério que efetivamente se sabe qual a dessas é a de maior valia para cada postulante.

Na condição de segundo maior colégio eleitoral do País, o estado de *Minas Gerais* cumpriu sua função ao assegurar que todos os presidenciais eleitos neste período obtivessem seu segundo melhor resultado nesta UF sendo que os oitos eleitos alcançaram ali a primeira posição, o que eu já havia destacado anteriormente. As contribuições do estado giraram de um mínimo de 10,63% na eleição de *Dilma Rousseff*, mineira radicada no *Rio Grande do Sul* a um máximo de 13,59% na eleição de Collor de Mello (*veja tabela a seguir*). Mas é bom sublinhar que segundo lugar não é o primeiro.

<b>TABELA 6</b>				
<b>MINAS GERAIS</b>				
<i>Primeiro Colocado no PRIMEIRO TURNO no Brasil</i>				
<i>(Eleições presidenciais de 1989 a 2018)</i>				
<b>ELEIÇÃO</b>	<b>CANDIDATO</b>	<b>% CONTRIBUIÇÃO DA UF NA VOTAÇÃO TOTAL</b>	<b>POSIÇÃO DA UF NA VOTAÇÃO DO CANDIDATO</b>	<b>COLOCAÇÃO NA UF</b>
1989	Fernando Collor de Mello	13,59	2°	1°
1994	Fernando Henrique Cardoso	13,21	2°	1°
1998	Fernando Henrique Cardoso	11,76	2°	1°
2002	Luiz Inácio Lula da Silva	12,65	2°	1°
2006	Luiz Inácio Lula da Silva	11,13	2°	1°
2010	Dilma Vana Rousseff	10,63	2°	1°
2014	Dilma Vana Rousseff	11,16	2ª	1°
2018	Jair Messias Bolsonaro	10,77	2ª	1°

Comparando agora com o maior colégio eleitoral da federação, *São Paulo*, as contribuições do referido estado são sempre maiores do que *Minas Gerais* deslocando-se de um mínimo com a própria presidente *Dilma Rousseff* em sua reeleição em 2014 quando ela recolheu na referida UF somente **13,70%** dos votos (mas ainda assim foram sua principal votação), chegando até o máximo de **27,09%** na primeira eleição do presidente *Fernando Henrique* em 1994. E talvez o mais importante seja o fato de que *São Paulo* foi para todos eles a maior votação ainda que para dois candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT), *Luiz Inácio Lula da Silva* (em sua reeleição em 2006) e *Dilma Rousseff* (em suas duas eleições - 2010 e 2014), os resultados os tenham deixado em segundo lugar no estado. Em outras palavras, mesmo não conseguindo a primeira colocação na UF, estes candidatos tiveram ai suas melhores votações (*veja tudo na tabela seguinte*).

<b>TABELA 6.1</b>				
<b>SÃO PAULO</b>				
<i>Primeiro Colocado no PRIMEIRO TURNO no Brasil (Eleições presidenciais de 1989 a 2018)</i>				
<b>ELEIÇÃO</b>	<b>CANDIDATO</b>	<b>% CONTRIBUIÇÃO DA UF NA VOTAÇÃO TOTAL</b>	<b>POSIÇÃO DA UF NA VOTAÇÃO DO CANDIDATO</b>	<b>COLOCAÇÃO NA UF</b>
1989	Fernando Collor de Mello	19,82	1º	1º
1994	Fernando Henrique Cardoso	25,27	1º	1º
1998	Fernando Henrique Cardoso	27,09	1º	1º
2002	Luiz Inácio Lula da Silva	23,08	1º	1º
2006	Luiz Inácio Lula da Silva	17,34	1º	2º
2010	Dilma Vana Rousseff	18,34	1º	2ª
2014	Dilma Vana Rousseff	13,70	1º	2ª
2018	Jair Messias Bolsonaro	25,12	1º	1º

A fim de que as contribuições dos dois estados para todos os candidatos em suas votações totais possam ficar mais claras é conveniente cotejá-las com o peso percentual destas duas UFs no total do *Brasil*, o que faço nas duas tabelas seguintes. O que se pode depreender dos dados a seguir apresentados é que há duas situações bem diferentes novamente.

<b>TABELA 7</b>					
<b>MINAS GERAIS E SÃO PAULO</b>					
<i>Participação percentual dos estados de Minas Gerais e São Paulo na votação dos primeiros colocados nas oito eleições em Primeiro Turno e a participação das duas UFs no total do eleitorado brasileiro</i>					
<b>ELEIÇÃO</b>	<b>CANDIDATO</b>	<b>MINAS GERAIS</b>		<b>SÃO PAULO</b>	
		<b>% NO CANDIDATO</b>	<b>% DE MG NO BRASIL</b>	<b>% NO CANDIDATO</b>	<b>% DE SP NO BRASIL</b>
1989	Fernando Collor de Mello	13,59	11,49	19,82	22,54
1994	Fernando Henrique Cardoso	13,21	11,14	25,27	21,92
1998	Fernando Henrique Cardoso	11,76	11,14	27,09	21,98
2002	Luiz Inácio Lula da Silva	12,65	11,00	23,08	22,26
2006	Luiz Inácio Lula da Silva	11,13	10,86	17,34	22,27
2010	Dilma Vana Rousseff	10,63	10,69	18,34	22,30
2014	Dilma Vana Rousseff	11,16	10,67	13,70	22,39
2018	Jair Messias Bolsonaro	10,77	10,66	25,12	22,43

Em *Minas Gerais*, em sete das oito disputas os primeiros colocados tiveram neste estado contribuições para sua votação que ficaram ligeiramente acima do que o eleitorado regional representa no total do *Brasil*. A única em que ficou ligeiramente abaixo ocorreu em 2010, quando da primeira eleição da presidente Dilma Rousseff. Em *São Paulo*, por sua vez, a situação foi outra, isto é, mais distribuída. Em cinco pleitos a contribuição da UF para os candidatos ficou abaixo do potencial e em três delas acima. A particularidade de *São Paulo* é que as distâncias em relação ao *Brasil* foram maiores das observadas em *Minas Gerais*, que ficaram bem mais próximas do Brasil.

Os percentuais de votos dado por esta UF para cada candidato ficou bem abaixo do potencial do estado para quatro candidatos e para outros quatro ficou acima. Mas independentemente de quem tenha alcançado ou não o potencial, em comum a ambos é que a diferença foi sempre maior do que em *Minas Gerais* (vide a próxima tabela).

**TABELA 8**

*Diferenças em pontos percentuais entre as Contribuições de votos de Minas Gerais e São Paulo em relação à participação percentual do eleitorado do Brasil nestas Unidades da Federação*

ANO	CANDIDATO	MINAS GERAIS - BRASIL	SÃO PAULO - BRASIL
1989	Fernando Collor de Mello	2,10	-2,72
1994	Fernando Henrique Cardoso	2,07	3,35
1998	Fernando Henrique Cardoso	0,62	5,11
2002	Luiz Inácio Lula da Silva	1,65	0,82
2006	Luiz Inácio Lula da Silva	0,27	-4,93
2010	Dilma Vana Rousseff	-0,06	-3,96
2014	Dilma Vana Rousseff	0,49	-8,69
2018	Jair Messias Bolsonaro	0,11	2,69

De posse de todas estas informações já arroladas, passo a comparar agora as *votações absolutas* destes indivíduos obtidas em *São Paulo* e *Minas Gerais*, as quais ficam bem visíveis na tabela seguinte. Fácil constatar nas colunas *Diferença* e *Razão de Vantagem de SP* que a superioridade dos votos dos candidatos vencedores em *São Paulo* é contundente, especialmente valendo-se do segundo critério mencionado. As razões mais baixas foram as de *Dilma Rousseff* em sua reeleição em 2014 e na vitória de *Jair Bolsonaro* em 2018. Ou seja, mesmo que a contribuição de *Minas Gerais* para a votação de um dos candidatos tenha proporcionalmente excedido o peso eleitoral da UF no total do Brasil, enquanto a de *São Paulo* tende a ser menor, em termos absolutos a superioridade da votação do candidato em *São Paulo* é inquestionável e bem superior à de *Minas Gerais*.

Na eleição de 1994, os votos recebidos pelo primeiro colocado no estado de *São Paulo*, *Fernando Henrique Cardoso*, superaram em **2,3** vezes os por ele recebidos em *Minas Gerais*, constituindo-se na maior razão das oito eleições em primeiro turno.

**TABELA 9**

**SÃO PAULO E MINAS GERAIS**

*Votações absolutas dos candidatos que obtiveram o primeiro lugar no Brasil nas referidas Unidades da Federação, considerando ainda as diferenças de votos alcançadas nos dois estados e a razão de vantagem de São Paulo sobre Minas Gerais*

ELEIÇÃO	CANDIDATO	SÃO PAULO	MINAS	DIFERENÇA	RAZÃO DE VANTAGEM DE SP
1989	Fernando Collor de Mello	4.085.223	2.801.422	1.283.801	1,46
1994	Fernando Henrique Cardoso	8.679.287	4.356.780	4.142.507	1,91
1998	Fernando Henrique Cardoso	9.736.428	4.225.240	5.511.488	2,30
2002	Luiz Inácio Lula da Silva	9.106.914	4.990.085	4.116.829	1,83
2006	Luiz Inácio Lula da Silva	8.091.867	5.192.439	2.899.428	1,56
2010	Dilma Vana Rousseff	8.740.949	5.067.399	3.763.550	1,72
2014	Dilma Vana Rousseff	5.927.503	4.829.813	1.097.690	1,23
2018	Jair Messias Bolsonaro	15.306.023	12.378.012	2.928.011	1,24

Todos os dados que apresentei em tabelas até aqui envolvendo as *votações em primeiro turno* dos primeiros colocados são muito consistentes para indicar a força eleitoral do estado de *São Paulo* para os candidatos que acabaram por se eleger presidentes, o que é bem diferente das análises que focam nos *votos válidos*, embora sejam estes que definam legalmente o resultado das eleições. A mim parece claro, mas é bom sempre destacar, que não estou aqui procurando argumentar contra a importância política do

estado de *Minas Gerais* ou de qualquer outro colégio eleitoral com tamanho expressivo número de eleitores e importância histórica no Brasil.

Quando se observa a contribuição percentual das cinco principais Unidades da Federação (UFs) nas votações dos primeiros colocados (eleitos presidentes) no primeiro turno (veja a próxima tabela) tudo fica bem claro.

<b>TABELA 10</b>								
<i>Contribuição percentual das cinco principais Unidades da Federação nas votações dos candidatos vencedores das eleições presidenciais em Primeiro Turno (1989-2018), e porcentagem acumulada</i>								
UF	COLLOR 1989	FHC 1994	FHC 1998	LULA 2002	LULA 2006	DILMA 2010	DILMA 2014	BOLSONARO 2018
AC								
AL								
AM								
AP								
BA	6,83	5,68	5,50	7,35	9,20	8,79	9,92	
CE							7,09	
DF								
ES								
GO								
MA								
MG	13,59	13,21	11,76	12,65	11,13	10,63	11,16	10,77
MS								
MT								
PA								
PB								
PE		6,93			6,41			
PI								
PR	8,43		6,94					7,10
RJ	5,77	9,03	7,93	8,32	8,77	7,85	6,87	10,37
RN								
RO								
RR								
RS				6,76		6,31		6,81
SC								
SE								
SP	19,82	25,27	27,09	23,08	17,34	18,34	13,70	25,12
TO								
<b>ACUMULADO</b>	<b>54,44</b>	<b>60,12</b>	<b>59,22</b>	<b>58,16</b>	<b>52,85</b>	<b>51,92</b>	<b>48,74</b>	<b>60,17</b>

O estado de *São Paulo* está presente como primeira maior contribuição em todos os eleitos, apenas variando o grau de importância. O ponto mais alto foi na reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1994, com 27,27% e o mais baixo na reeleição da presidente Dilma Rousseff, em 2014, com 13,7%. E o estado de *Minas Gerais*, sempre como segunda maior contribuição, teve sua maior

participação em 1989, quando da eleição de Fernando Collor de Mello, com 13,59% e a mais baixa na eleição da presidente Dilma Rousseff, em 2010, com 10,36%.

Todavia, os votos *paulistas* foram importantes também para os que ficaram atrás, ao menos até a *quarta* colocação. Para aqueles que obtiveram a *segunda* colocação nas eleições, o estado de *São Paulo (SP)* só não apareceu na primeira maior contribuição em 2018 para *Fernando Haddad*. O estado bandeirante deu-lhe somente 12,23% de toda sua votação, mas conferiu-lhe o segundo melhor desempenho (a melhor votação de Haddad se deu na *Bahia*, com 14,17% de seu total). Além disso, também com exceção para Haddad, SP foi responsável por mais de 20% do total de votos dos postulantes.

Para os candidatos que ficaram na *terceira* colocação, o estado de *São Paulo (SP)* foi a primeira votação em seis das oito eleições com percentuais de contribuição a partir de 16% (Ciro Gomes em 1998 com 16,28%) chegando até a quase 30% (Eneas Carneiro em 1994 com 29,56%). Assim, SP só deixou esta posição para o candidato Leonel Brizola em 1989 no qual ele colheu apenas sua oitava melhor votação com insignificantes 2,26% de votos e para *Antony Garotinho* em 2002 com a segunda melhor votação (18,32%). Interessante que ambos políticos foram governadores do estado do *Rio de Janeiro*, terceiro maior colégio eleitoral e onde obtiveram suas melhores votações. No caso de Brizola, esta é a única situação na qual o estado de *Minas Gerais* deu a um candidato nesta colocação desempenho superior (6ª posição) ao de *São Paulo*.

E o estado de *São Paulo* compareceu como primeira melhor votação para os candidatos que ficaram em *quarto* lugar nas oito eleições, enquanto *Minas Gerais* apareceu como segunda melhor votação em três oportunidades, terceira colocação em quatro pleitos e quarta colocação em um. Além disso, a distância na grandeza destas contribuições de um estado para outro é grande, como também nas situações anteriores.

Ou seja, de todos os casos aqui examinados, da *primeira* à *quinta* colocação, o estado de *Minas Gerais* só deu contribuição maior do que *São Paulo* em duas eleições, a saber: em 1994 para o quarto colocado *Leonel Brizola*, quando lá obteve seu sexto melhor desempenho (3,75%) e na eleição seguinte, em 1998, quando o desconhecido brigadeiro *Ivan Frota*, *quinto* colocado, recolheu no referido estado 14,44% dos votos, seu melhor desempenho.

### ***Segundo Turno***

A realização do *segundo turno* em seis das oito eleições reforça três características já reveladas no primeiro turno. Repete-se a importância do estado de *Minas Gerais* nos *votos válidos* e no *comparecimento eleitoral* dos candidatos vencedores, especialmente do PT, embora abaixo dos percentuais do estado de *São Paulo*, quando se trataram de *Fernando Collor de Mello* e de *Jair Bolsonaro*. Porém, no comparecimento eleitoral, as diferenças observadas entre os resultados do *Brasil* e dos dois estados são bem menores. E as diferenças entre *Minas Gerais* e *São Paulo* são quase invariavelmente elevadas, à exceção do ano de 1989 (*ver tabelas de votos válidos e no comparecimento nos anexos*).

Em outras palavras, estes resultados nas duas UFs são mais próximos do *Brasil*, Nos votos em relação ao *comparecimento eleitoral*, E por outro a decisiva contribuição de *São Paulo* para o resultado total dos votos dados a cada um, mas com diferenças mais substanciais nas eleições dos dois candidatos mencionados (*ver tabelas nos anexos*).



**TABELA 10.1**

*Contribuição percentual das cinco principais Unidades da Federação nas votações dos candidatos vencedores das eleições presidenciais em Segundo Turno (1989, 2002-2018), e porcentagem acumulada*

UF	COLLOR	LULA	LULA	DILMA	DILMA	BOLSONARO
	1989	2002	2006	2010	2014	2018
AC						
AL						
AM						
AP						
BA	5,89	7,07	8,90	8,50	9,28	
CE			5,82		6,46	
DF						
ES						
GO						
MA						
MG	11,63	12,16	11,68	11,16	10,97	10,55
MS						
MT						
PA						
PB						
PE				6,20		
PI						
PR	7,76					
RJ	5,39	12,03	9,49	8,85	8,24	9,81
RN						
RO						
RR						
RS		6,28				6,74
SC						5,13
SE						
SP	25,76	21,45	18,33	18,77	15,57	26,48
TO						
<b>ACUMULADO</b>	<b>56,43</b>	<b>58,99</b>	<b>54,22</b>	<b>53,48</b>	<b>50,52</b>	<b>58,71</b>

### ***Algumas reflexões***

Minha preocupação ao desenvolver este artigo foi de que de que este assunto, o qual é invariavelmente publicado à época das eleições, seja apoiado em dados sólidos para que não se faça confusões e interpretações indevidas a respeito do papel do estado de *Minas Gerais* nas eleições presidenciais brasileiras. Entendo ser bem diferente reconhecer que os políticos mineiros contam com grande tradição e influência na vida pública nacional, o que passa pela escolha dos candidatos a primeiro mandatário, a afirmar que ocorre algo de único na referida UF, mítico. Torna-se mais incômodo ainda quando se procura escorar tal ideia com base na coincidência entre os resultados eleitorais no estado para o referido cargo com resultado final em todo o *Brasil*.

Suponho que a apresentação que fiz de um conjunto mais amplo de dados eleitorais, tanto dos respectivos eleitorados quanto do desempenho dos candidatos, exigirá muito mais solidez por parte dos defensores da *tese-bordão* que aqui questionei. Posso afirmar que o que expus até aqui ainda é pouco diante de outros dados que coletei e analisei, mas que tornariam este texto exaustivo se os inserisse aqui se é que os já apresentados não foi para o leitor. Muito do que deixei de fora está em anexos em outro arquivo e ainda assim não completos. De qualquer forma, teremos todos nós a oportunidade de continuar a apreciar este assunto agora em 2022, quando os resultados propiciarem o aprofundamento da análise.

Faço uma última consideração levando em conta dados que não apresentei aqui, mas que mencionando ajudará o leitor a perceber diferenças importantes na composição eleitoral de *MG* e *SP*. Trata-se do perfil do eleitorado apto a votar e do que compareceu às urnas. Cito apenas a eleição mais recente de 2018. Enquanto a participação proporcional do eleitorado mineiro na faixa de 30 a 54 anos de idade foi de 41,82% (e representa 47,42% do eleitorado deste estado) no primeiro turno, a do eleitorado paulista foi de 52,15% (e representa 48,94% do eleitorado da UF). Menciono esta ampla faixa etária que já é maior no eleitorado paulista que no mineiro nos eleitores aptos a votar uma vez que se trata daquela parte da sociedade mais diretamente ligada à força de trabalho. Em termos absolutos, isso significou de eleitores paulistas que compareceram às urnas a cifra de 13.522.655 e de mineiros somente 2.646.388.

É interessante constatar que o eleitorado de *MG* é proporcionalmente superior ao de *SP* nas faixas etárias das extremidades, ou seja, na de 16 a 29 anos e a partir de 55 anos para mais de 100 anos. E nesse item, o que mais chama a atenção na faixa mais idosa é que esta superioridade de *MG* também se passa em termos *absolutos*. Portanto, seria ainda necessário cotejar estas características com ao menos de mais duas UFs e também com o eleitorado brasileiro. Estes indicadores mostram que há diferenças importantes entre os dois eleitorados, embora muitas outras características comuns as quais são muito próximos à do *Brasil* como um todo.

Finalmente, me sinto confortável para expressar que este assunto requer muito mais trabalho e consistência por parte daqueles que desejarem encontrar meios de sustentar este tradicional entendimento de em termos políticos “*Minas é a síntese do Brasil*”.

\***RUI TAVARES MALUF**. Professor da Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo – Escola de Humanidades. É fundador e editor da consultoria e do site *Processo & Decisão*. Doutor em ciência política (USP). Mestre em ciência política (UNICAMP). Autor dos livros *Amadores, Passageiros e Profissionais* (2011) e *Prefeitos na Mira* (2001), ambos pela editora Biruta. Autor de inúmeros artigos sobre política municipal, nacional e internacional do Brasil em relação aos países da América do Sul.

### ***Fontes de informação***

O Estado de São Paulo. *Afif lança carta na terra de Juscelino*. 03.03.1989. Página 5.

O Estado de São Paulo. Coluna do Estadão. 10.10.2021. “*Se liga*”. Página 4.

O Estado de São Paulo. ‘*Síntese do País*’, *Minas reflete triunfo presidencial*. Carlos Eduardo Cherem. 25.06.2022. Páginas 32 e 33.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). 2015. IBGE.

Tribunal Superior Eleitoral (TSE). *Estatísticas eleitorais* (1989, 1994, 1998, 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018).

\*\*\*